

AVALIAÇÃO: UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Marcela Gomes Toledo
Sônia Maria de Campos Souza

RESUMO

Sendo a avaliação da aprendizagem escolar uma atividade que deve favorecer a construção do conhecimento e não a sua estagnação, procurou-se, através deste artigo analisar os principais conceitos de avaliação, como também as várias faces desse processo, mostrando que dependendo da forma como ela é utilizada, pode ter resultados tanto negativos, quanto positivos. Os primeiros são efetivados quando a avaliação é desviada de seus propósitos, gerando danos irreparáveis, pois além de contribuir para a reprovação e o fracasso escolar leva o aluno a ser excluído da instituição e da sociedade. Já os resultados positivos ocorrem a partir do momento que a avaliação passa a ser compreendida como um processo permanente, dinâmico, transformador e mediador da construção do conhecimento. Além disso, o artigo procura focalizar de forma mais enfática as novas propostas de avaliação da aprendizagem.

Palavras-chave: Avaliação. Aprendizagem. Conhecimento. Autonomia.

Introdução

A avaliação tem sido utilizada muitas vezes de forma reducionista, como se avaliar pudesse limitar-se à aplicação de um instrumento de coleta de informação. É comum ouvir-se “vou fazer uma avaliação” quando se vai aplicar uma prova ou um teste. Avaliar exige, prioritariamente que se defina aonde se pretende chegar, que se estabeleça critérios, para, em seguida escolher-se procedimentos, inclusive aqueles referentes à coleta de dados.

Além disso, o processo avaliativo não se encerra com este levantamento de informações, estas devem ser comparadas com os critérios e julgadas a partir do contexto em que foram produzidas. Somente assim elas poderão subsidiar o processo de tomada de decisão quanto a que medidas devem ser previstas para aperfeiçoar o processo de ensino, com vistas a levar o aluno a superar suas dificuldades.

Este trabalho irá contemplar a avaliação como uma prática pedagógica, pois o ato de avaliar é muito complexo, devendo ser permeado pela responsabilidade e pelo comprometimento ético e moral. Portanto, a avaliação deve ser vista como um instrumento de auxílio, como uma maneira de encorajar o aluno, de motivá-lo, de incentivá-lo a estudar e não como uma maneira de castigá-lo, de fazer com que ele sinta medo, uma forma de repressão, como ocorre nas salas de aula.

O interesse pelo estudo da avaliação se deu depois de constatar que, apesar de sua relevância, e do empenho de diversos autores é o sistema educacional quem continua ditando as regras que norteiam a avaliação. Também há o fato de muitos professores não reformularem suas práticas propagando uma rotina avaliativa arcaica, classificatória, proporcionando altos índices de evasão e repetência que, por diversas vezes, têm como consequência a exclusão social.

Esse trabalho foi realizado através de uma pesquisa bibliográfica, em diversos livros que abordam o tema, nos quais foram extraídas informações necessárias para se alcançar objetivos como, por exemplo: analisar a avaliação como uma prática crítica no contexto educacional; analisar como ocorre a avaliação no contexto escolar; compreender o que é avaliação no processo ensino-aprendizagem; compreender a avaliação como instrumento prático no contexto escolar.

A função da instituição de ensino é de introduzir o educando no mundo da cultura e do trabalho, de acordo com as perspectivas que são traçadas pela sociedade, contando com a colaboração do professor. Assim, a concepção de avaliação que perpassa essa lógica é a de um processo que deve abranger a organização escolar de maneira global. Torna-se crescente o consenso entre professores e estudiosos da educação, sobre a necessidade de ampliar e aprofundar a questão da avaliação escolar, uma vez que, esta constitui problema ético e político de grande relevância para a construção da cidadania.

Avaliação no contexto escolar

O processo avaliativo que as escolas exercem se manifesta por meio das relações sociais que são travadas em seu interior, e que reproduzem as relações

sociais pela divisão do trabalho na sociedade, ao longo da história da humanidade. A escola deve ser vista como um espaço de direitos do cidadão, em que as pessoas possam atuar nas formas socioculturais e históricas construídas mutuamente através das relações sociais.

A escola tem a função de introduzir o educando no ambiente da cultura e do trabalho, com base nas perspectivas que a sociedade traça, com a ajuda do professor. Trabalhar com as influências internas e externas do aluno é função da pedagogia. Cabe ao professor estruturar sua prática de ensino sem fugir do objetivo de desenvolver a autonomia e independência do discente.

A avaliação é educativa por si mesma, pelas circunstâncias do seu relacionamento com a sociedade, por sua dinâmica, por sua forma de ensinar e de aprender e pela organização do seu trabalho.

A concepção de avaliação que perpassa pela instituição escolar é a de um processo que envolve a organização escolar de maneira global: as relações internas, o trabalho docente e a organização do ensino com a sociedade.

Modalidades de avaliação

Discutir sobre avaliação no processo educacional é repensar a sua função, o papel social do professor, a razão da existência da escola. Conduz-nos invariavelmente à discussão sobre inclusão e exclusão, privilégios e direitos, deveres e obrigações, instrução e formação.

A avaliação apresenta funções de diagnosticar, controlar e classificar, que em conjunto com as suas diferentes modalidades visa a garantir a eficiência do processo avaliativo como também a eficácia. Bloom (*apud* Sant'anna, 2002) classifica a avaliação em três modalidades: diagnóstica, formativa e somativa.

A avaliação exerce a função diagnóstica quando faz a verificação de como está o processo de construção do conhecimento, se os métodos estão produzindo resultados efetivos. Essas constatações servirão de base para que se prossiga ou não com o trabalho. Através delas, o professor é capaz de verificar se os alunos estão capacitados para adquirir novos conhecimentos e identificar as dificuldades de aprendizagem.

Ela é formativa ao informar professor e aluno quanto aos resultados da aprendizagem no desenvolvimento das atividades. Pode ser aplicada durante todo o período letivo, possibilitando realimentar o processo para corrigir falhas e atingir os objetivos propostos.

É somativa por ter a função de classificar os educandos no final da unidade, de acordo com os níveis de aproveitamento obtidos não só através dos objetivos individuais, mas pelo grupo. Sendo esta modalidade de avaliação utilizada para distinguir os que sabem dos que não sabem, aprovar ou reprovar, promovendo o aluno de uma série para outra.

Diante deste contexto o professor deverá desenvolver o papel de problematizador, fazendo com que o aluno construa seu próprio conhecimento sobre o tema abordado, de acordo com o contexto histórico, social e político no qual está inserido. Deve buscar a igualdade entre o educador e o educando, pois ambos aprendem, trocam experiências e aprendizagens no processo educativo, pois como afirma Becker (1997, p. 147) “não há educador tão sábio que nada possa aprender, nem educando tão ignorante que nada possa ensinar”.

Mas, a postura tradicional ainda evidente nas escolas, hoje é expressa de forma diferente: foi perdendo o caráter de agressão física tornando-se mais sutil, pois a evidência manifesta-se por meio de agressão à personalidade do educando, como afirma Steban (2001, p. 15):

A avaliação escolar, nesta perspectiva excludente, silencia as pessoas, as suas culturas e seus processos de construção de conhecimentos; desvalorizando saberes, fortalece a hierarquia que está posta, contribuindo para que diversos saberes sejam apagados(...)

A avaliação é utilizada para medir, testar e avaliar os acertos e os erros dos alunos. Mas esses termos não são sinônimos, apenas se complementam, devido às suas diferentes significações. Haydt (2002, p. 10) esclarece que

Testar é verificar um desempenho através de situações previamente organizadas (...); medir é descrever um fenômeno do ponto de vista quantitativo (...); e avaliar é interpretar dados quantitativos e qualitativos para obter um parecer ou julgamento de valor (...)

Quando a avaliação encontra-se desvinculada da atribuição de notas e da classificação do desempenho, os aspectos qualitativos são privilegiados, enfatizando assim o processo. Está baseada em um paradigma crítico e tem como objetivo a melhoria da qualidade da educação. O ensino reflexivo é o que busca a construção do conhecimento.

A avaliação escolar é um processo em que se observa, verifica, analisa, interpreta determinado fenômeno, situando-o de acordo com dados relevantes, com o objetivo de tomar decisões na busca do aprimoramento da produção humana. É preciso que o educador esteja comprometido enquanto profissional em suas inter-relações. Tal compromisso não pode ser um ato passivo e sim consiste na inclusão da sua própria práxis com o aluno, na prática educativa mais ampla. Por essa razão, a avaliação qualitativa deve estar alicerçada na qualidade do ensino e deve ser utilizada para avaliar o aluno de maneira global durante o período letivo, observando a capacidade e o ritmo individual de cada um.

O ato de ensinar e aprender consiste na realização de mudanças e aquisições de comportamentos motores, cognitivos, afetivos e sociais. O ato de avaliar consiste em verificar se eles estão sendo atingidos e em que grau se dá essa consecução, para ajudar o aluno a prosseguir na aprendizagem e na construção do saber. Um processo autoritário e inseguro poderá ver na avaliação uma arma de tortura ou punição para os alunos indisciplinados. Mas se o professor é sério e comprometido, ao orientar as atividades do educando, tenderá a encarar a avaliação como uma forma de diagnosticar os progressos e dificuldades dos alunos para poder planejar o trabalho docente, contribuindo para o crescimento discente, aperfeiçoando também a sua prática pedagógica.

Concepções de avaliação

Há uma diferença entre os princípios e conceitos que servem de guia para a formação profissional do professor, que se firmam não só na pedagogia tradicional, mas também em toda representação cultural. É mais simples identificar a avaliação pela importância dada aos seus instrumentos.

Para alguns docentes, a avaliação são tipos de provas, exercícios, testes ou trabalhos. Estes não a entendem como um processo amplo da aprendizagem, que não pode ser separado do todo, envolvendo responsabilidades do professor e do aluno. Tratando a avaliação desta maneira, distanciam-se de seus propósitos, de sua relação com o ensino, de seu aspecto crítico.

É muito importante que se construa um conceito de avaliação escolar que atenda às necessidades de um novo referencial para a organização dos processos

avaliativos. Pode-se então definir que avaliação é um exercício mental que possibilita a análise, o conhecimento, o diagnóstico, a medida ou julgamento de um objeto, que deve ser a realidade daqueles que a fazem, como coloca Sant'anna (1995, p. 31):

A avaliação é um processo pelo qual se procura identificar, aferir, investigar e analisar as modificações do comportamento e rendimento do aluno, do educador, do sistema, confirmando se a construção do conhecimento se processou, seja este teórico (mental) ou prático).

Podem ser ressaltadas algumas concepções de avaliação tomando por base alguns autores:

- Firme (*apud* Sant'anna, 2002, p. 28) “a avaliação é essencialmente um processo centralizado em valores”;
- Marques (*apud* Sant'anna, 2002, p. 29) “a avaliação é um processo contínuo, sistemático, compreensivo, comparativo, cumulativo, informativo e global que permite avaliar o conhecimento do aluno”;
- Bloom, Hastings e Madaus (*apud* Haydt, 2002, p. 13) “a avaliação é um método, um instrumento, portanto ela não tem um fim em si mesma, mas é sempre um meio, um recurso, e como tal deve ser usada”;
- Hoffman (2003, p. 120) “a avaliação significa o controle permanente exercido sobre o aluno no intuito de ele chegar a demonstrar comportamentos definidos como ideais pelo professor”;
- Daniel Stufflebeam (*apud* Haydt, 2002, p. 12) “a avaliação é o processo de delinear, obter e fornecer informações úteis para o julgamento de decisões alternativas”.

Esses autores dão ênfase à avaliação como um instrumento para aprimorar o processo de ensino-aprendizagem, com foco no desempenho do aluno. Enquanto a avaliação estiver direcionada ao aluno, quer dizer, não houver uma conscientização para a necessidade de uma nova metodologia a favor do aluno e a adesão da escola ao processo avaliativo, haverá um comprometimento da qualidade do ensino.

Princípios básicos da avaliação tomando por base Haydt (2000):

- É um processo contínuo e sistemático, por essa razão não deve ser realizada de forma esporádica, nem de maneira improvisada e sim de maneira constante e planejada. A avaliação se integra no processo ensino-aprendizagem fazendo parte de um sistema mais amplo.

- É funcional por ser realizada em função dos objetivos. Ela consiste em verificar se os alunos estão atingindo os objetivos previstos e estes norteiam a avaliação.
- É orientadora por não ter intenção de eliminar os alunos e sim de orientá-los no processo de aprendizagem alcançando assim os objetivos previstos, permitindo que eles conheçam seus erros e acertos, contribuindo para fixar as respostas corretas e corrigir possíveis falhas.
- É integral por analisar e julgar as dimensões do comportamento, vendo o aluno como um todo, incidindo não apenas sobre os elementos cognitivos, mas também nos aspectos afetivo e domínio psicomotor.

A avaliação na prática pedagógica

A avaliação escolar é contra-indicada como único instrumento para decidir sobre aprovação e reprovação do aluno. O seu uso somente para definir a progressão vertical do aluno conduz a reducionismos e descompromissos. A decisão de aprovação ou retenção do aluno exige do coletivo da escola uma análise das possibilidades que essa escola pode oferecer para garantir um bom ensino.

A avaliação escolar é contra-indicada para fazer prognósticos de sucesso na vida. Contudo, o seu maior emprego pode expulsar o aluno da escola, causar danos em seu autoconceito, impedir que ele tenha acesso a um conhecimento sistematizado e, portanto, restringir parte das suas oportunidades de participação social.

Quando se trata da avaliação, o professor deve mudar a sua postura. Ele deve ser mediador, pois o mais importante é fazer com que o aluno seja capaz de construir seu conhecimento, e dessa forma estará mais preparado inclusive para enfrentar o mercado de trabalho.

A avaliação não deve ser compreendida como uma atividade muito complexa, nem tampouco fácil demais. A avaliação deve ser vista como um instrumento escolar que requer habilidade, compromisso e responsabilidade, para tanto seus aspectos qualitativos devem ser valorizados.

O professor, no exercício do seu papel, precisa saber que ensinar exige dele respeito pelo saber que os educandos possuem. Freire (2000, p. 30) questiona: “porque não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina”.

Quando vão para a sala de aula levam consigo uma experiência de vida, que é embebida de saberes. Esse conhecimento do cotidiano é muito rico e pode ser utilizado como um instrumento no trabalho pedagógico.

O ato de ensinar leva o docente a se arriscar, a estar sempre em busca do novo, de acordo com a sua validade. Ele não deve ser preconceituoso, evitando qualquer forma de discriminação. Deverá estar atento para respeitar a autonomia e a dignidade do educando, valorizando e estimulando a curiosidade do educando, sua inquietude, sua linguagem.

Deverá colocar em prática o seu bom senso, pois este irá adverti-lo que sua autoridade ao tomar decisões, orientar as atividades, estabelecer tarefas, cobrar a produção dos alunos de maneira individual ou coletiva, não é uma prática de autoritarismo. Estará exercendo o seu papel, pois é importante frisar que a autoridade não pode ser confundida com autoritarismo. Segundo Freire (2000, p. 47), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

A prática pedagógica que o docente assume tem papel fundamental para que a avaliação do processo de ensino-aprendizagem torne-se em momentos fecundos de construção do conhecimento. O autor Paulo Freire fornece uma resposta objetiva quando diz que a função do professor é ser o mediador do diálogo que provoque sujeitos pró-ativos e autônomos capazes de exercer o pensar.

Considerando que uma prática pedagógica libertadora permite a contradição e o movimento que busca novas sínteses, é plenamente compreensível que o educador que assim procede, torne-se o arauto de uma avaliação efetivamente significativa por exercer uma práxis educativa que associe o conteúdo ministrado à vida concreta do educando.

O aluno é a figura principal no contexto de ensino e aprendizagem, e sendo o professor o principal agente educativo, fica evidente que melhorias no ensino terão mais chance de ocorrer se a ele forem dadas condições adequadas de trabalho. Para isso, é preciso capacitá-los, possibilitar que desenvolvam de maneira mais eficiente as atividades didático-pedagógicas, incentivar o desenvolvimento de

seu espírito crítico para que possam formar o aluno. Além disso, é preciso fornecer condições de trabalho digno, como salas amplas e ventiladas, bibliotecas, salas de vídeo, plano de carreira e o apoio de uma equipe multidisciplinar, dentre outros aspectos. Permitir, ainda, que ele participe ativamente em decisões importantes do processo de ensino, assumindo seu papel de auxiliar o crescimento dos alunos, para com isso formar cidadãos éticos, responsáveis e estruturados.

Assim, a avaliação escolar é indicada a professores interessados no aperfeiçoamento pedagógico de sua atuação na Escola para que possam verificar o alcance ou não dos objetivos do ensino.

Recomenda-se então sua aplicação não só para diagnosticar as dificuldades e facilidades do aluno, como, principalmente, para compreender o processo de aprendizagem que ela está abrangendo.

Utilizada de forma transparente e participativa permite, também, ao aluno reconhecer suas próprias necessidades, desenvolver a consciência de sua situação escolar e orientar seus esforços na direção dos critérios de exigência da escola.

Considerações Finais

A educação escolar só tem sentido se objetivar a busca de caminhos para uma aprendizagem melhor. Percebe-se que ocorreram mudanças significativas em diversos níveis educacionais. Um deles é que o professor deixou de ser aquele que apenas transmitia informações para ser aquele, que juntamente com os alunos, os prepara para a construção do conhecimento.

A avaliação visa à melhora da aprendizagem e assim deve ser vista como um instrumento para estimular o aluno: instrumento de superação e não de punição. Faz parte do ato educativo, do processo de ensino-aprendizagem, avaliar para diagnosticar, para interferir e agir, redefinindo os rumos e caminhos a serem seguidos. Não se limita apenas à atribuição de notas, amplia-se no sentido de verificar até que ponto os objetivos estão sendo alcançados e em que profundidade, para ajudar o aluno a avançar na aprendizagem e na construção do saber, assumindo um papel orientador e cooperativo, podendo ainda encorajá-lo, levando a empenhar-se e sentir-se estimulado, ocasionando esforço e aproveitamento.

Desse modo, configura-se uma avaliação que serve a um projeto de sociedade pautado pela cooperação e inclusão, em vez de competição e exclusão. E para que ele sirva à aprendizagem se faz necessário conhecer os alunos e suas necessidades. Assim, o professor encontrará caminhos para favorecer que todos alcancem os objetivos traçados.

Pesquisas realizadas na área têm demonstrado conseqüências psicológicas e sociais adversas em função do uso da avaliação de forma classificatória, punitiva e autoritária. A avaliação, quando apenas praticada de modo classificatório, supõe ingenuamente que se possa realizar esta atividade educativa de forma neutra, como se não estivessem implícitas a concepção de homem que se quer formar e o modelo de sociedade que se quer construir em qualquer prática educativa.

A classificação cristaliza e estigmatiza um momento da vida do aluno, sem considerar que ele se encontra em uma fase de profundas mudanças. É uma forma unilateral e, portanto, autoritária, que não considera as condições que foram oferecidas para a aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, Fernando. **Da ação à operação:** o caminho da aprendizagem em J. Piaget e P. Freire. 2. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo, 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HAYDT, R. C. C. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem.** São Paulo: Ática, 2002.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora:** uma prática em construção da pré-escola à universidade. 21. ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos; TOSCHI, Mirza Seabra; OLIVEIRA, João Ferreira de. **Educação escolar:** política, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2003.

LIMA, Adriana de Oliveira. **Avaliação escolar:** julgamento ou construção? 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SANT'ANNA, I. M. **Por que avaliar? Como avaliar?:** critérios e instrumentos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

STEBAN, M. T. (org.) **Avaliação**: uma prática em busca de novos sentidos. 3. ed.
Rio de Janeiro: DP & A, 2001.